

O anti-imperialismo e os novos desdobramentos da questão nacional na América Latina nas primeiras décadas do século XX

Rafael Affonso de Miranda Alonso¹

¹ Professor de História da América do Departamento de História e Economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rafael.rafaelalonso@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta de maneira resumida alguns dos principais temas que nos permitem considerar que nas primeiras décadas do século XX novas abordagens estavam conferindo novos significados a questão nacional e ao nacionalismo na América Latina. Estas novas abordagens relacionavam-se com importantes acontecimentos de repercussão internacional que influenciaram fortemente o debate intelectual e político na região. Além disso buscavam também fornecer respostas a importantes desafios como a democratização dos sistemas políticos, a modernização das economias nacionais e o enfrentamento de importantes questões sociais. O papel desempenhado pelos Estados Unidos e suas políticas imperialistas para a região também são elementos importantes para este debate. Por fim, utilizamos alguns tópicos desenvolvidos pelo intelectual argentino José Ingenieros como exemplo deste tipo de nova abordagem do nacionalismo na América Latina.

Palavras-Chave: Nacionalismo, Anti-Imperialismo, América Latina, História Política, Argentina

Anti-imperialism and the new developments of the national question in Latin America in the first decades of the twentieth century

Abstract: The article presents a summary of some key that allow to consider that in the first decades of the 20th century new approaches were giving new meanings to national issue and nationalism in Latin America. These new approaches related to major events of international repercussion that strongly influenced the intellectual and political debate in the region. Furthermore sought also provide answers to important challenges as the democratization of political systems, the modernization of national economies and the coping strategies of major social issues. The role played by the United States and its imperialist policies in the region are also important elements to this debate. Finally, we use some topics developed by the intellectual Argentine Jose Ingenieros as an example of this type of new approach of nationalism in Latin America

Keywords: Nationalism, Anti-imperialism, Latin America, Political History, Argentina

1 APRESENTAÇÃO

Desde o surgimento do nacionalismo como força política e referência teórica inscrita no quadro da modernidade capitalista do século XIX, o termo tem recebido, da parte dos estudiosos, uma enorme atenção, o que resultou em uma grande quantidade de definições e formas pela qual o fenômeno foi sendo apreendido através do tempo. Tal relevância nos fornece um indicativo da relevância do conceito para a compreensão dos processos históricos que se desenvolveram a partir do advento da

ideia. Entretanto, um dos maiores desafios dentre as diversas dificuldades encontradas quando tratamos do tema, refere-se à ampla diversidade de perspectivas que tais análises foram assumindo desde o primeiro momento em que se começou a tratar analiticamente a questão. Os diversos significados comportados pelo conceito de nacionalismo fornecem a possibilidade aos intelectuais que se dedicaram e se dedicam direta ou indiretamente ao estudo do tema, de conferirem a ele a sua interpretação ao conceito. Essa diversidade de posições pode ser observada ao lançarmos um olhar sobre a produção teórica preocupada com o nacionalismo desde o momento da cristalização e difusão do conceito, ou seja, de meados do século XIX em diante.

Na América Latina o quadro não seria diferente no que se refere à possibilidade de se conferir diferentes significados teóricos e políticos ao nacionalismo. Toda proposta que vise construir um quadro sintético desses significados não deve ser considerada mais do que uma tentativa de apresentação geral do conjunto de problemas e questões que o tema levanta. Feita essa ressalva devemos tentar estabelecer algumas das grandes linhas de significado do nacionalismo na América Latina a partir do momento em que a ideia passava a ser recebida e tratada em sentido moderno, isto é associada à estruturação de um determinado Estado Nacional que reivindica soberania e legitimidade política para agir em amplos setores da vida econômica, social e cultural de uma determinada sociedade.

Nesse sentido podemos afirmar que as primeiras correntes intelectuais que tratariam do tema nesta chave moderna dirigiam seus esforços para a construção de identidades nacionais no contexto do processo de modernização a que os países latino-americanos se viam submetidos. Essa questão obviamente se apresentaria de modo muito diferente nos diversos países da região de acordo as peculiaridades de cada um. No entanto um fato parecia estar razoavelmente disseminado durante a segunda metade do século XIX, fase clássica deste tipo de apropriação do conceito de nacionalismo na América Latina: as aceleradas mudanças sociais provocadas por este processo de modernização – ou dito de outra maneira, do aprofundamento da inserção das economias latino-americanos nos quadros do moderno sistema nacional – generalizavam receios e perplexidade diante do novo que se apresentava de distintas maneiras.

2 ANTI-IMPERIALISMO E ALGUNS DOS NOVOS DESDOBRAMENTOS DO NACIONALISMO COMO FORÇA INTELECTUAL E POLÍTICA NO ALVORECER DO SÉCULO XX NA AMÉRICA LATINA

Esse tipo de percepção foi ficando cada vez mais claro para uma nova geração de intelectuais latino-americanos.

O ensaio para a formulação de respostas de outro tipo, que ultrapassavam os estreitos limites observados no caso dos autores clássicos de meados do século XIX, como nos exemplos citados acima, ainda estava por vir, entretanto, viria. Entre eles,

podemos citar os exemplos dos cubanos José Martí (1853-1895) e Julio Antonio Mella (1903-1929), os peruanos Haya de la Torre (1895-1979) e José Carlos Mariátegui (1894-1930) e os argentinos José Ingenieros (1877-1925) e Deodoro Roca (1890-1942).

Entretanto, o surgimento no horizonte intelectual e político latino-americano da questão nacional e do nacionalismo, vistos através de novas perspectivas, não significava que a utilização intelectual e política do conceito tenha se reunido exclusivamente em torno destes novos significados. O nacionalismo de viés conservador, chauvinista, patrioteiro, também se renovaria de muitas formas e permaneceria sendo uma referência política importante. Porém, o ponto central aqui relaciona-se ao surgimento de perspectivas que confeririam novos significados para o nacionalismo e o reivindicariam a partir de diferentes pressupostos. Isso implicava também uma interpretação distinta do processo histórico vivido pelas nações latino-americanas tanto no que se refere à sua dinâmica interna quanto em relação ao seu lugar no mundo e seus desafios.

Falávamos de um novo tipo de percepção do problema nacional como ponto central da nossa discussão. É necessário que se diga que este ganha fôlego, sem prejuízo da velha solução liberal, que jamais perdeu seus sustentáculos sociais, políticos e intelectuais. Como afirmamos acima, o fato novo é que começaram a surgir discursos alternativos – articulados às mudanças aceleradas provocadas pela modernização, tais como a urbanização, as novas idéias, movimentos e temas políticos, enfim, às novas configurações sociais geradas por uma integração mais plena da região às engrenagens do Sistema Mundial – que desafiariam o exclusivismo dos antigos discursos que anteriormente haviam sido construídos como únicos portadores de uma verdade supostamente científica. Além disso, acontecimentos internacionais de grande significado repercutiram fortemente entre os intelectuais e políticos da América nas primeiras décadas do século XX, como a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique na Rússia e, em âmbito regional, a Revolução Mexicana.

Os que assumiram este enorme desafio crítico, baseados no estudo histórico das próprias sociedades e do afastamento de pressuposições deformadoras e impeditivas, moldadas à feição dos modelos e idealizações de matriz eurocêntrica, o fizeram também, não obstante a dimensão crítica introduzida, usando como ferramenta teórica a produção intelectual europeia. Não estávamos diante de qualquer perspectiva obscurantista que renegasse à centralidade das tradições intelectuais ocidentais firmemente enraizadas na região, nem tampouco estamos nos referindo a expressões chauvinistas: não há rechaço da teoria e, muito menos desprezo pelo estrangeiro, fosse o homem ou mesmo o capital. O que passa a existir é uma série de novas abordagens relacionadas a novos enquadramentos dos significados da questão nacional, influenciados diretamente tanto pelos acontecimentos internacionais mencionados acima, quanto pela urgência em se reformar ou revolucionar, de acordo com as afiliações políticas, os sistemas políticos e econômicos vigentes na região.

Um ponto característico destas novas abordagens da questão nacional passava por recuperação de uma perspectiva que visava conjugar a centralidade da questão nacional em uma chave integracionista de âmbito latino-americano. Isto é, a defesa de se construir soluções para as mais graves questões nacionais, tal como elas foram diagnosticadas pelos homens da época, sem perder de vista os laços históricos e culturais latino-americanos que permitiam situar com maior clareza os grandes desafios colocados para os países da região naquela quadra histórica.

Um intelectual argentino como Deodoro Roca, mais importante líder estudantil daquele país durante a Reforma Universitária de 1918, cujo epicentro partia exatamente da Universidade de Córdoba, sua cidade natal, escreveu sobre esta perspectiva latino-americanista, em muitos artigos, como por exemplo estes: *Monroe-Drago-ABC* (1915);

3 MANIFIESTO DE LA FILIAL DE CÓRDOBA DE LA UNIÓN LATINO AMERICA (1928); MR. MONROE VIAJA A SUS COLONIAS (1928); SANDINO Y EL IMPERIALISMO (1930); VENGO DE UMA TRINCHERA (1936).¹

O surgimento dessa nova perspectiva teórica na América Latina amadureceria em lento processo, no entanto, para produzir uma renovação teórica importante. Tal processo teve como um dos seus pontos de inflexão mais importantes, o desdobramento do poderio estadunidense – terminada a fase de expansão territorial em direção ao Oeste em grande parte à custa da frágil e instável República Mexicana de meados do século XIX, em processo que já foi caracterizado como de *imperialismo territorial*² – que passaria a voltar o seu olhar para outras porções mais meridionais do continente. São marcos históricos importantes para a compreensão deste processo, acontecimentos políticos como a primeira Conferência de Nações Americanas (ou Pan-americana), de 1888/1889, bem como as suas seguintes edições; a Guerra Hispano-Americana de 1898³; e a construção do Canal do Panamá (1906-1914). Ainda como referência a essa nova configuração de poder no Hemisfério, que apontava para a emergência da presença imperial dos Estados Unidos – em concorrência com potências europeias já estabelecidas, notadamente a Grã-Bretanha – na América Latina, as primeiras décadas do século XX ficariam marcadas por extensa série de intervenções diretas dos Estados Unidos em países como a Nicarágua, o Haiti, a República Dominicana e o México, além de Cuba, entre outros.

¹ Deodoro Roca, *Reformismo y Antimperialismo*. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2006.

² O expansionismo remonta ao século XIX quando no processo de incorporação imperial das porções a oeste e ao sul do núcleo originário das Treze colônias, o México perdeu cerca de metade do seu território, incluindo as vastas e ricas zonas do Texas e Califórnia. Ver a esse respeito: Sidney Lens (2006), *A Fabricação do Império Americano* e V. G. Kiernan (2009), *Estados Unidos: o novo imperialismo*.

³ O conflito resultou na independência de Cuba em 1898 que cairia a partir de então na órbita da dominação política e econômica dos Estados Unidos e inaugurou a fase do expansionismo e intervencionismo diretos dos Estados Unidos na região e também na zona do Pacífico.

Este imperialismo de novo tipo, representado pela afirmação e consolidação dos interesses políticos e econômicos estadunidenses na América Latina, teria importantes repercussões na região, tanto em termos culturais e ideológicos, como nos debates voltados para questões econômicas e políticas. Todas essas repercussões nos trazem elementos para contextualizar o surgimento deste nacionalismo de novo tipo a que fizemos referência.

Não resta dúvida que tal influência e pressão se deram de modo muito desigual, pesando imediatamente com mais intensidade, já na virada do século XIX para o século XX, mas, sobretudo a partir das primeiras décadas desse último, sobre as porções de terra centro-americanas e caribenhas, além do vizinho México. Numa carta, em seu último ano de vida, José Martí, que pioneiramente percebeu o fenômeno em toda a sua amplitude, declarou a um amigo:

Ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país, y por mi deber – puesto que lo entiendo y tengo ánimos com que realizarlo – de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, y haré, es para eso impedir (...) que en Cuba se abra, por la anexión de los imperialistas de Allá y los españoles, que se há de cegar, y con nuestra sangre estamos cegando, de la anexión de los pueblos de nuestra América al Norte revuelto y brutal que los desprecia (José Martí, In: RETAMAR, 2006, p. 41).

Este tipo de percepção apontava para um novo elemento que se fazia presente com força, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX, isto é, uma hostilidade difusa em relação às políticas dos Estados Unidos que assumiam abertamente a postura arrogante de uma potência expansiva e missionária diante de seus vizinhos latinos do Sul.

O muito conhecido e sempre citado *Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe*, não deixava qualquer dúvida acerca do papel de polícia hemisférica que os Estados Unidos haviam reservado para si, diante dos seus vizinhos latino-americanos: “Se uma nação soubesse como atuar com “razoável eficiência e decência, isto é, de modo responsável, em suas questões sociais e políticas, mantendo a ordem interna e cumprindo as suas obrigações, não necessitaria temer qualquer iniciativa dos Estados Unidos” (LENS, 2006).

Esta atualização da Doutrina Monroe não só conferia aos Estados Unidos legitimidade para intervir diante de casos de “irresponsabilidade” na condução dos negócios públicos como servia como eficiente escudo contra possíveis expectativas europeias em agir livremente na América Latina como ocorria até aquele momento. O mesmo Deodoro Roca. Acima citado, escreveu um artigo em 1915 intitulado *Monroe-Drago-ABC*, em que denunciava abertamente em tons asperamente críticos os objetivos manifestos tanto pelas doutrinas quanto pelas políticas adotadas pela potência em ascensão da América do Norte em relação aos seus vizinhos continentais do sul.

Neste artigo, Roca não apenas denuncia o expansionismo estadunidense identificado em alguns momentos como “monroísmo”, de matriz imperialista, como reivindica para os latino-americanos ou sul-americanos uma identidade continental americana baseada não apenas no compartilhamento de processos históricos e nos laços culturais comuns – isto não seria mais suficiente em pleno século XX – mas na necessidade de tal integração como meio de se fazer frente às aspirações imperialistas da potência do norte do continente americano.

Olhando historicamente para o primeiro século da independência dos países da região, o caráter missionário e belicoso, mencionado acima, característico das políticas externas dos Estados Unidos em relação aos seus vizinhos continentais, ainda fazia um contraponto, interpretado de maneira nada favorável por muitos latino-americanos, de diferentes colorações políticas, inclusive, quando confrontado ao modo mais suave e de certa forma mais franco, de agir dos britânicos ao longo do exercício do seu “mandato imperial” do século XIX. Luis Alberto Romero nota tal distinção, que muitos na América Latina começaram a fazer entre o “filibusterismo depredador de los yanquis del más tolerable imperialismo, discreto y civilizador, de los británicos” (ROMERO, 2007, p.39). Outro autor, o brasileiro Moniz Bandeira, relacionou de modo direto este sentimento difuso com o incipiente nacionalismo na região: “O nacionalismo latino-americano desenvolveu-se fundamentalmente em oposição aos EUA, para os quais, desde os seus primórdios, a expansão dos seus interesses econômicos na América Latina jamais respeitou qualquer fronteira” (MONIZ BANDEIRA, 1994, p. 58).

Portanto, um difuso sentimento antiestadunidense (ou anti-imperialista) se consolidava e ganhava repercussão em diversos setores intelectuais e políticos na América Latina e vinculava-se tanto a ideias e movimentos reformistas ou socialistas, no âmbito do que se cristalizava como a esquerda teórica e política na região, como também, numa chave politicamente mais conservadora. Isto é, houve manifestações que se dirigiram contra o mesmo objeto de resistência, que mobilizavam motivos tradicionais, como um hispanoamericanismo resgatado, como outros que se referiam a ideias mais novas, associadas, por exemplo, ao anti-imperialismo, nacionalismo econômico e ao socialismo.

Seria neste último sentido, as reflexões pioneiras de José Martí, produzidas ainda no século XIX, principalmente, em suas últimas décadas, foram um marco na tomada de consciência dessa nova conjuntura e para a construção de um novo paradigma crítico entre os intelectuais da região. O tempo da idealização da experiência política dos Estados Unidos e da expectativa de uma fraternidade americana de norte a sul (panamericanismo), tornava-se anacrônico, na medida em que se passou a compreender de modo mais complexo as novas realidades econômicas e políticas do século nascente bem com a natureza imperialista das relações internacionais entre os Estados Unidos e os países da América Latina.

Isto significa que as novas abordagens que assumiam a questão nacional como tema central de suas preocupações consideraram como pontos de partida, questões bastante distintas daquelas propostas pelos idealizadores das *patrias del criollo* de meados do século XIX, centradas na busca pela construção da Ordem, de algum tipo de Ordem Política. Tratava-se agora de questionar as bases em que tal Ordem fora produzida, isto é, as bases das repúblicas e dos sistemas liberal-oligárquicos que se consolidaram tendo como base, arranjos sociais que virtualmente excluía e não forneciam condições mínimas para o exercício da cidadania política e social para a maioria da população de cada um dos países da região. Estas novas perspectivas críticas estavam sendo anunciadas e desenvolvidas com a introdução de novos temas e conceitos, com a incorporação das considerações de ordem econômica e social no centro das equações políticas, como elemento explicativo central do caráter inconcluso em termos nacionais, deste conjunto de países. Sintomático, que um dos seus porta-vozes pioneiros tenha sido José Martí, um homem nascido no último grande país da América Latina que ainda permanecia formalmente como uma colônia. Ele trouxe a questão do *imperialismo* para o centro das análises que realizou acerca da natureza das relações entre os Estados Unidos e os países da América Latina. Em pouco tempo, já era possível observar a influência deste tipo de abordagem apresentado por Martí, sobre as novas correntes políticas, que trataram a questão nacional, já partido deste novo ponto de vista, isto é, uma perspectiva que colocava no centro do debate a defesa e a mobilização política de um nacionalismo de corte anti-imperialista.

4 JOSÉ INGENIEROS

Por fim, para encerrar estes comentários acerca do surgimento de novas dimensões e significados do nacionalismo na América Latina nas primeiras décadas do século XX, podemos mencionar outro autor que expressou, em seus últimos trabalhos, de modo claro, essas novas questões: o pensador argentino José Ingenieros (1877-1925). Cabe uma vez mais lembrar, como dissemos acima, que uma conjunção de eventos de grande significado contribuiu diretamente para a mudança do clima intelectual na América Latina, que refletiria na obra de Ingenieros e muitos outros, e a conseqüente ampliação da influência das ideias de inspiração socialista e anti-imperialista. Entre estes eventos podemos citar o impacto e a exemplaridade da Revolução Mexicana e seus desdobramentos (questão social), a 1ª Guerra Mundial (relativização da “civilização” europeia como modelo idealizado para os países “atrasados” e conseqüentemente para a América Latina), a Revolução Bolchevique (existência de uma alternativa real de uma nova organização econômica de uma sociedade), o Wilsonismo (defesa seletiva da autodeterminação nacional, em âmbito mundial) e o Tratado de Versalhes (nova desilusão com a política europeia).

Refletindo este novo contexto, vamos encontrar na última fase da produção intelectual de Ingenieros a preocupação com temas como a presença imperial estadunidense na região, a questão nacional ou nacionalismo, a atualidade e urgência de criação de um projeto de união latino-americana e a aberta defesa do socialismo – também chamado maximalismo na época em alusão à contraposição a teses “minimalistas” ou meramente reformistas como as que eram defendidas pelos partidos sócias-democratas europeus e seus congêneres regionais, geralmente representados, pelos partidos socialistas daqui.⁴

José Ingenieros tornou-se desde finais da Primeira Guerra Mundial até sua morte, um dos mais respeitados e influentes difusores do anti-imperialismo de viés latino-americanista na região, perspectiva esta que estava na raiz das novas abordagens do nacionalismo na região. Encontramos esta influência, por exemplo, através do eco e pelas citações nominais feitas por outros importantes intelectuais da época como os citados Deodoro Roca e Mariátegui. Mais do que isso, como expressão destes novos tempos e das novas dimensões tomadas pela questão nacional na região, Ingenieros defendia a necessidade de se fazer a síntese dessa chamada questão nacional com a questão social tendo como horizonte a integração continental, perspectiva que se mostraria promissora para muitos intelectuais e movimentos políticos da região por todo o século XX. Poucos meses antes de sua morte, pronunciaria um discurso em Paris por ocasião de um convite da Federação Universitária Internacional Pró-Sociedade das Nações em que exprimiu de modo inequívoco a sua visão internacionalista do nacionalismo:

Consideramos que en todos los pueblos de la América Latina el ideal nacionalista debe ser elevado y ampliado generosamente, aspirando a constituir una sola y grande nacionalidad continental, de tipo federativo, que nos harían fuertes y poderosos, frente a los peligros del imperialismo que ya ha dado muestras de su voracidad, en circunstancias, en circunstancias que no es necesario recordar (José Ingenieros, “Ante la Sociedad de las Naciones”, Discurso pronunciado em 15 de julho de 1925. In: TERÁN, 1986, p.284).

Vale destacar, portanto, a novidade da reivindicação de um ponto de vista latino-americano atualizado, que se colocava aberto à colaboração junto a Sociedade das Nações, mas ciente de seus desafios e tarefas peculiares. Reivindicação está que também se fazia presente através dos escritos de diversos intelectuais desta época. Ingenieros mencionava a União Latino-Americana como um centro interlocutor que congregava estas reflexões críticas na região e que estava preparada para contribuir de modo soberano nas discussões internacionais através de uma perspectiva regional e comprometida com as reformas sociais. Ingenieros também expressou posição análoga a de Lênin, quando este fez a crucial distinção entre o nacionalismo de povos opressores e de povos oprimidos. O intelectual argentino afirmava que os países da

⁴ Cf. Oscar Terán (1986), *José Ingenieros: pensar la nación. Antología de Textos*.

América Latina eram “estados proletários” e isso era um motivo poderoso para se levar a sério a intenção de dar um caráter regional ao nacionalismo dos países da região diante do poderio imperial estadunidense que lançava sua sombra por toda a região.

A expressão desses conteúdos na Argentina podia ser encontrada em muitos lugares – nos movimentos estudantis, que ganhavam progressivamente uma ampla repercussão e organização continentais e em movimentos políticos radicalizados, mas terminou em boa medida, sendo absorvida pelo movimento político mais popular do país, o Radicalismo, que, entretanto, só chegaria ao poder na Argentina em 1916, sob a liderança personalista e absorvedora de Hipólito Yrigoyen.⁵

Esta primeira fase de reformismo político e social – associada na Argentina, a chegada ao poder do Partido Radical – que se articulava a estas novas dimensões do nacionalismo, marcaria o final de um sistema político puramente oligárquico; o final de uma era de governos liberais marcados exclusivamente pelos princípios do *laissez faire* e das premissas de um liberalismo triunfante característico do século XIX.

Tal era, havia dado à luz na América Latina ao que generalizadamente chamamos hoje como o *Estado Oligárquico*, que caracterizava-se politicamente, entre outras coisas, por não abraçar nenhum compromisso democratizante nem se mostrar disposto a qualquer concessão significativa às aspirações democratizantes – por exemplo, a abertura e permeabilização do sistema político a novos grupos sociais ou a inclusão de temas sociais na agenda política dos partidos no poder –, progressivamente amplificadas pelos próprios processos de mudanças estruturais aceleradas pelas quais passavam os países da região. José Luis Romero considerou que a chegada ao poder do Radicalismo na Argentina, inaugurava uma nova época na política do país.

En efecto Yrigoyen recogía y levaba al gobierno la antigua hostilidad del radicalismo contra la oligarquía; pero esta hostilidad se manifestó no solo como repudio al régimen ‘falaz y descreído’, sino también como repugnancia frente a la tradición liberal (...), Frente a la ofensiva que había desencadenado el imperialismo extranjero en el país, Yrigoyen afirmó los principios del nacionalismo económico y la necesidad urgente de defender el patrimonio nacional (ROMERO, 2008, p.226).

Como estamos rapidamente analisando em particular alguns aspectos da vasta obra de José Ingenieros, e usando como exemplo, brevemente, o caso argentino, como um dos exemplos do surgimento de novas abordagens e significados que se associariam aos sentidos assumidos pela ideia de nacionalismo na região, encontraríamos na história política argentina um outro importante exemplo deste tipo de associação.

⁵ Líder carismático e principal representante do radicalismo argentino (plataforma reformista e nacionalista), eleito pela primeira vez à presidência argentina, para cumprir mandato de 1916 a 1922 e novamente, de 1928 a 1930, Hipólito Yrigoyen, expressou bem a interrelação entre nacionalismo e reformismo naquele período.

Como mencionamos, Yrigoyen marcaria definitivamente a cena política argentina associado a um ciclo reformista nacional, tendo sido posteriormente resgatado, como o fundador de uma tradição política enraizada nos problemas nacionais. Quando do advento de um novo ciclo nacionalista na Argentina, articulado ao que ficaria, mais tarde, consolidado como *peronismo*, a imagem de Yrigoyen seria resgatada e disputada pelas forças políticas nacionais. A restauração conservadora no país (1930-1943) que substituiria o radicalismo após a morte do líder em 1930⁶ – e que havia promovido uma ampla *desyrigoyenização* em seu afã antipersonalista – seria obrigada a conviver com uma generalizada rejeição à sua obra “restauradora”, um sinal do divórcio que se aprofundaria dramaticamente, entre o seu projeto e a dinâmica das forças sociais do país integradas crescentemente à vida política do país.

Hasta diminutos sectores nacionalistas, que en 1930 saludaron alborozados su derrocamiento (de Yrigoyen), ahora expresan que ‘andaban equivocados’ (...) Y sectores del izquierdismo también hacen su lugar a Yrigoyen ante actitudes que marcaron en el ex mandatario una tendencia al nacionalismo económico y de defensa antiimperialista (...) Hay estatuas en varias ciudades y se borran los nombres de Uriburu (...) (*El Día*, 03 de julho de 1946. Citado por ALTAMIRANO, 2007, p.42).

No caso argentino, a chegada dos radicais ao poder marcou, portanto, a culminação desse largo processo iniciado por volta de 1890 e de fato, inaugura uma época nova, em que as questões sociais e econômicas (nacionalismo econômico incipiente) passam não só a ser admitidas como elementos centrais dos governos, como acabavam absorvendo a maior parte das grandes disputas teóricas e políticas para a definição de um novo modo de organização social. José Luís Romero, como já indicamos, considerava que a chegada dos Radicais ao poder representou sim a implantação de um novo modelo baseado em uma série de *compromissos*, que se articulava com o nacionalismo reformista de viés anti-imperialista, que de resto, consolidava-se nesse período como uma ideia-força que se alastrava e ganhava força por todo o subcontinente latino-americano.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Moniz (1994), “O nacionalismo latino-americano no contexto da Guerra Fria”. *Revista Brasileira Política Internacional*, n.37 (2), pp. 53-73.
- BIBLIOTECA DEL PENSAMIENTO ARGENTINO III (documentos). *De la República posible a la República Verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires, Emecé.
- BIBLIOTECA DEL PENSAMIENTO ARGENTINO IV (documentos). *Vida y Muerte de la República Verdadera (1910-1930)*. Buenos Aires, Emecé.

⁶ Ver Luis Alberto Romero, *Breve Historia Contemporánea de la Argentina* (2007).

KIERNAN, V. G. (2009), *Estados Unidos: o novo imperialismo. Da Colonização Branca a Hegemonia Mundial*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

LENS, Sidney (2006), *A Fabricação do Império Americano – da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MARIÁTEGUI, José Carlos (2005), *Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos*. Org. Michael Lowy. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

_____. (2007), *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Caracas, Fundación Biblioteca Ayacucho.

MARINELLO, Juan (2005), “Fuentes y Raíces del Pensamiento de José Martí”. Introdução a MARTÍ, J. *Nuestra América*. Caracas. Fundación Biblioteca Ayacucho.

MARINI, Ruy Mauro . (1994), “Las raíces del pensamiento latinoamericano”. Introdução, In: MARINI, R. M. e MILLÁN, M. *La Teoría Social Latinoamericana. Los Orígenes*, México, D.F., Ed. El Caballito, tomo I.

MARTÍ, José (2005), *Nuestra América*. Caracas. Fundación Biblioteca Ayacucho

RETAMAR, Roberto Fernández (1993), “Caliban Quinientos Años más Tarde”, *Nuevo Texto Crítico*, n.11.

_____. (2006), *Pensamiento de Nuestra America: autorreflexiones y propuestas*. Buenos Aires, CLACSO.

ROCA, Deodoro. Reformismo y Antimperismo. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2006.

ROMERO, José Luis (2008), *Las Ideas Políticas en Argentina*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

_____. (2009), *Breve Historia de la Argentina*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

ROMERO, Luis Alberto (2007). *Breve Historia Contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

TERÁN, Oscar. (1986), *José Ingenieros. Pensar la nación*. Buenos Aires, Alianza Editorial.

_____. (2008), *Historia de las Ideas en la Argentina. Diez Lecciones Iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.

Artigo recebido em 24 de setembro de 2015.

Aprovado em 20 de maio de 2016.